



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

29 e 30 de abril de 2017

Notícias do Dia Plural

“E o teatro negro no Brasil?”

E o teatro negro no Brasil? / Livros / Teatro brasileiro / João Roberto Faria / Editora Perspectiva / Companhia Negra de Revistas / Rio de Janeiro / São Paulo / Teatro Experimental do Negro / TEM / Dicionário do Teatro Brasileiro / Jacó Guinsburg / Mariangela Alves de Lima / Coletivo NEGA / Negras Experimentações Grupo de Artes / Udesc / Coletivo Kurima / UFSC

E o teatro negro no Brasil?

É preciso atualizar os livros sobre história do teatro brasileiro e dizer que ele existe e resiste

DIRCE WALTRICK DO AMARANTE*

Em dois volumes recentes sobre a história do teatro brasileiro, “História do Teatro Brasileiro” (v. 1: das origens ao teatro profissional da primeira metade do século XX e v. 2: do modernismo às tendências contemporâneas), organizados por João Roberto Faria e publicados pela Editora Perspectiva, há apenas duas rápidas menções ao teatro negro, que juntas não somam duas páginas, das quase mil que os compõem. Parece-me que o teatro brasileiro é (ou pretende ser) branco e europeu, ou que o teatro feito por negros (e índios, vale lembrar) não tem relevância para a história do teatro no nosso país. Quantos são os cursos de artes cênicas e teatro em nossas universidades que discutem e enfatizam o teatro negro em seus currículos?

No primeiro volume sobre a história do teatro brasileiro, registra-se a existência da Companhia Negra de Revistas, que surgiu em 1926, com músicos e artistas negros do Rio de Janeiro e de São Paulo. A Companhia é descrita como “mais do que

uma experiência típica ou curiosa”, o que soa de certa forma preconceituoso. Mas, lê-se em seguida, que a Companhia Negra de Revistas marcou uma “forte tendência de se construir uma identidade nacional mestiça, pois os espetáculos valorizavam a cultura negra mostrando-a como um dos símbolos nacionais”. A Companhia lutava para dar visibilidade ao negro no cenário cultural e, talvez, só tenha recebido a devida atenção depois que essa cultura “exótica”, como se lê no livro, começou a fazer sucesso em Paris.

Lembro que, por muitos anos, os negros foram representados por brancos nos palcos. Além disso, eram representados de forma caricaturada e preconceituosa.

No segundo volume da “História do teatro brasileiro”, ganha destaque o Teatro Experimental do Negro (TEN), que nasceu no Rio de Janeiro, em 1944, e “possuía intenções muito abrangentes, para além da área teatral”.

E depois do Teatro Experimental do Negro? Não há teatro negro no século atual?

“O Dicionário do teatro brasileiro” (Perspectiva), coordenado por João

Roberto Faria, Jacó Guinsburg e Mariangela Alves de Lima, é um pouco mais generoso com o Teatro do Negro: a ele dedica um verbete de quase quatro páginas, num livro de 345 páginas. O verbete fala mais especificamente sobre o Teatro Experimental do Negro, que visava “traduzir o amplo espectro das experiências e da memória do negro brasileiro”. Mas lembra que o TEN não conseguiu incluir o negro como espectador. E hoje os negros já são espectadores?

talvez fosse o momento de atualizar os livros sobre história do teatro brasileiro e informar ao leitor que o teatro negro ainda existe e resiste. Como não mencionar dois Coletivos do Estado que têm como objetivo investigar as expressões e manifestações da cultura afro-brasileira nas artes cênicas e promover a sua visibilidade no contexto social e universitário? O Coletivo NEGA (Negras Experimentações Grupo de Artes), da Udesc, e o Coletivo Kurima, da UFSC, cumprem esse papel por aqui. Cabe agora investigar como está o teatro negro Brasil afora.



* Professora de artes cênicas na Universidade Federal de Santa Catarina.

**Informativo UniSantos (Universidade Católica de Santos)
Março-Abril/2017 – Ano 39 – Nº 329**

“Bióloga conquista vaga em programa de pós de federal”

Bióloga conquista vaga em programa de pós de federal / UFSC /
Universidade Federal de Santa Catarina / Ciências Biológicas / UniSantos /
Emanoele Copini / Programa de Pós-Graduação em Biologia de Fungos,
Algas e Plantas / Maria Gomes Machado

Bióloga conquista vaga em programa de pós de Federal

Recém-formada pelo curso de Ciências Biológicas da UniSantos, Emanoele Copini foi aprovada no Programa de Pós-Graduação em Biologia de Fungos, Algas e Plantas, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Focada na pesquisa, a ex-aluna sempre esteve envolvida em projetos na área de micologia junto ao Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas (IPECI), sob a orientação da professora doutora Kátia Maria Gomes Machado, coordenadora do curso.

No mês de outubro do ano passado, ela apresentou o resultado de pesquisa, fruto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no Congresso Brasileiro de Micologia e no Congresso Brasileiro de Microbiologia, em Santa Catarina.

Formada em 2016, Emanoele Copini ingressou no programa de pós da UFSC

Divulgação



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

29/04/17

[Livro de estreia de Nathalie Sarraute mostra visão perturbadora da infância](#)

[Livro traça perfil sobre a cultura hip hop em Florianópolis e Lisboa](#)